

Escravinhaturas

Wander Lourenço



AMAR A POESIA, DIGITALMENTE

A poesia em formato digital terá o mesmo
sabor, o mesmo odor?

Seremos capazes de encontrar o prazer da
leitura num ecrã de computador?

Editamos poesia desde 1996 e queremos,
agora, dar o passo para além dos limites do
papel.

E cada leitor poderá, em sua casa, imprimir e
construir o seu livro. Também ele cúmplice
desta batalha pela poesia que não pode ter
fronteiras, nem barreiras.

Elefante Editores

Epígrafe

Quando a Poesia me tomou
De assalto, dizendo-me:
– Mãos ao alto!... Passa a alma,
Senão eu atiro!...
Confesso que titubeei
Mediante tal fato bélico
De entregar-lhe tesouro
Tão caro e valioso.
Porém, entre o risco de morte
Nas mãos desta Onça das almas
E uma existência
Oca e sem espírito, supliquei-lhe
Diante de sua ameaçadora mira:
– Atira!...

A Fernando Pessoa

Vês aquele rio velho que recorta a minha
aldeia
Decerto, dera nome a algum lugar de
minh'alma
Remanso cego a desaguar-se em cais de maré
cheia
Qual tempo de luar que se aclareia em noite
tarde

Ao se despetalar por sobre estrelas onde se
margeia
Quando mira aurora que a verdejar-se ao
longe alva
Alumia horizonte feito noite pejada que
s'encandeia
De lenda a fabricar arrebol em ventre de Lua
Nova

Quiçá ao redor da amplidão da alvorada se
alteia
Por rastro-pirilampo da toada lisonjeira a toda
trova
Quando o grão da lida por si só ao dar-se se
semeia
Na ponta d'areia a s'embeber do mar Estrela
Dalva.

Tristeza de palhaço

Findada a noite sob o real espetáculo
Quando descerram rubras as cortinas
Da fantasia com a qual eu me disfarço
A lágrima escorre por mímicas retinas

Desce picadeiro a tristeza do palhaço
Que encobre passado véu de estrelas
A pantomima ao luar o descompasso
Desfolha-me ao tempo pétala por pétala

Ao intento da risada sobre corpo lasso
As vestes descoloridas fincadas ao chão
Do camarim onde eu de mim me desfaço

Cubro-me co' o velho paletó de algodão
Que me desabriga ribalta o frio cansaço
Da lida que floreira vida pela imperfeição.

Trapézio da lida

A ribalta que ao ocaso se arrefece
Quando luz do picadeiro se apaga
E teu anjo a guardar-me em prece
Agonia que de mim não se aparta

Quando enfim do trapézio da lida
Desequilibro-me qual um acrobata
A romper corda-bamba que o mata
Sem rede de proteção vida se finda

Após espalhafato do palhaço que ria
Ao salpicar o riso qual fosse aviso
De que a velha e inocente fantasia
Há de perfazer-se pelo gracejo-rito

Desembaraço a arriscar-se ao ridículo
Sob a luz opaca do mar que me falta
Que, enfim, a danar-se pelos labirintos
Faz-lhe consagrar-se quando o assalta

Em gesto d'illusão com seus tentáculos
Que por ser irreal-efêmera dor amortiza
Embora n'istante em que se concretiza
Por quimeras (e tristezas) o espetáculo.

A dona dos meus olhos

A dona dos meus olhos
Tinha uns olhos que não me queriam
E de mim nem se apercebiam
Até que um dia
Como se fosse um conto de fada
Os olhos de minha amada
De uma só mirada me diziam
Que eram meus os olhos da dona dos meus
olhos
Que antes tanto me desmereciam
E hoje me servem de morada
Onde fez pouso em retinas enfastiadas
Pelo tempo de vida que se alumia
Dentro de nós em alvorada
Que se encandeia co'ó luar de serenata
Em noite alta que se despetala
Em bem-me-quer de quem mal me queria
Como encantaria de quimeras silenciadas.

A Manoel de Barros

Certa feita, o Homem pregou à porta
De sua humilde morada
Uma placa com os seguintes dizeres:
"Consertam-se palavras".
Um senhor de terno, gravata e sapato de
couro,
Ao ler os manuscritos,
Indagou-lhe a razão de tal desatino vocabular.
– Há quem conserte imagem de santo e até
almas,
Eu, simplesmente, sou consertador de
palavras,
Por ofício.
– Então, se amanhã eu lhe trazer uns
vocábulos
Co'ó defeito poético de nascença,
O senhor houvera de ser capaz de consertá-
los,
Ó meu nobre mestre das gramáticas? --
ironizou-o.
-- Não, senhor, porque não existem palavras
Co'ó tal defeito de nascença,
Mesmo as mais impronunciáveis ou
intraduzíveis,
Porque é destas costelas líricas que há de
abrolhar
A substância incorrigível por natureza,
Que se intenta do labor diante da escritura
Pelo formão rústico da inspiração
Até forjar-se Poesia.

Cais da eternidade

No instante em que, de repente, a vida se
perfaz por um triz
A escorrer-se qual raiz a adentrar pelo ventre
da terra afora
Que por entre tantos corpos absortos em cais
de eternidade
O Homem sangra como tempo a se embrenhar
por entre nós

Consoante pousasse em mãos de querência a
implícita cicatriz
Do suplício agônico d'alma a se abreviar pelo
fulgor da aurora
Que se entronizou, abstrata, por uma fresta
cínica de liberdade
A instaurar-se pelo indício do gesto da partida
qual rio em foz

Da imensidão profícua da lida a esbarrar-se
por sobre cadência
Do intento como se vento soprasse em morada
de pedra o luar
Como s'olvidasse da noite negra com manto
branco d'estrelas
Se forjasse impávido-atônito a debulhar-se
longínqua alvorada

A romper-se por entre arrebol e serenata da
vida em essência
Do timbre-solfejo da existência humana de
modo a s'abeirar
Dos lúgubres matizes que flamejam entre
fúlgidas aquarelas
Rito mímico sobre a tela-vida a abeira-se
em cais aportadas.

Nhã nhã

Cheiro bom de café, avarandada manhã
Fumo cortado por quicé, cafuné de Nhãnhã
Pão de forno de lenha, manteiga de rolha de milho,
O açúcar preto de engenho de roça que adoça
Mel da fulô dos óios negros de Nhãnhã em afã
De viola a debruçar-se p'ra dizer coisa bonita
Moda de ciranda de noitim a pino, estrada de vilarejo
D'onde trago pano de chita, anel de pedra, água de cheiro
P'ra se aformosear vulto d'imagem da cabocla Nhãnhã
Ah, Nhãnhã, ah, Nhãnhã, ah, Nhãnhã, ah, Nhãnhã...
Se tempo apaziguasse sórdade em alforjes do passado
Eu lhe diria de bom grado todo o meu querer-bem
Por 'ocê como réstia de fogueira que se alastra pelo chão
P'ra diante d'córgo que murmureja ao pé do ouvido da serra
A cantiga s'achega enluarada por detrás d'estrelas cadentes
Acordes d'ãoite do pinho em embornal da noite a alvorada
P'ra sussurrar-me os sortilégios de cabocla Nhãnhã
Ah, Nhãnhã, ah, Nhãnhã, ah, Nhãnhã, ah, Nhãnhã
Se tempo apaziguasse sórdade em alforjes do passado
Eu lhe diria de bom grado todo o meu bem-querer.

A Zeca Afonso

“– Por que não vais embora desse roçado,
homem?”

“– Porque eu nasci nessa sesmaria, patrão.”

“– Vai-te embora p’ra alforria de vossa África,
negro.”

“– Eu não vou, não, patrão. Eu não vou, não,
sinhô.
Eu vou dizer toada negra, extraída desse chão,
Feito raiz de mi’a terra e de mi’a gente,
patrão.”

“– Vai-te p’ra bem longe co’ vossa gente
negra, homem.”

“– Essa mi’a terra é negra, sinhô, pois fui eu
que pus mãos,
Em coito de eito, patrão.”

“– Eu vou-me embora p’ra bem longe dessas
paragens, negro.”

“– Então, vosmencê acarrega em vosso
embornal a mi’a liberdade, sinhô.”

“– Eu vou-me embora p’ra bem longe dessas
terras negras...”

“– De partida, acarrega co’ vosmencê vossa
agonia e tristeza, patrão,
Que eu hei de dizer toada negra feito a noite,
sinhô,
Entoada sob manto d’estrelas sem vossa
benção e açoite.”

“– Eh, toada negra de mi’a liberdade, sinhô,
P’ra arrebentar co’ corrente de mi’as mãos,
patrão.
Eh, toada negra de mi’a liberdade, patrão,
P’ra arrebentar co’ corrente de mi’as mãos,
sinhô.”

“– Porque eu nasci nessa sesmaria, patrão.”

“– Por que não vais embora desse roçado, homem?”

“– Eu não vou, não, patrão. Eu não vou, não, sinhô.
Eu vou dizer toada negra, extraída desse chão,
Feito raiz de mi’a terra e de mi’a gente,
patrão.”

“– Vai-te embora p’ra alforria de vossa África, negro.”

“– Essa mi’a terra é negra, sinhô, pois fui eu que pus mãos,
Em coito de eito, patrão.”

“– Vai-te p’ra bem longe co’ vossa gente negra, homem,
Que eu vou-me embora p’ra bem longe dessas paragens, negro.”

“– De partida, acarrega co’ vosmencê vossa agonia e tristeza, patrão,
Que eu hei de dizer toada negra feito a noite, sinhô,
Entoada sob manto d’estrelas sem vossa benção e açoite.”

“– Eu vou-me embora p’ra bem longe dessas terras negras...”

“– Eh, toada negra de mi’a liberdade, sinhô,
P’ra arrebentar co’ corrente de mi’as mãos, patrão.
Eh, toada negra de mi’a liberdade, patrão,
P’ra arrebentar co’ corrente de mi’as mãos, sinhô.”

Tordesilhas

Tu que me fincaste as tuas cegas cartografias
Por sobre as longínquas Tordesilhas-mulher
No mapa-múndi das tuas mãos em que tu fias
Feito pétalas ao moldar-me em bem-me-quer

Na imagem das tuas turvas paisagens fugidias
Entre lágrimas que escorrem por vértices-vida
Formão a talhar-me ao revés das tuas
caligrafias
Que per si se aventam a por sobre ingrata lida

Sob os infindos hemisférios os sóis absintos
Ao redor das inauditas-abissais carícias frias
Alcovas em que s'afronteiram arrebois infindos
Ungidos afãs à pulsação cordis em tuas
geografias.

Toi qui m'as collé ta cartographie aveugle
Au cours de la lointaine femme Tordesillas
Sur la carte du monde de vos mains dans
laquelle
Fait des pétales en me moulant en bien-moi

À l'image de vos paysages fugaces nuageux
Entre les larmes qui coulent au sommet de la
vie
Ciseau me sculptant à l'envers de votre
écriture
Qui en soi ils osent faire une lecture ingrate

Sous les hémisphères sans fin les soleils
d'absinthe

Autour des caresses froides épouvantables
sans précédent
Alcôves dans lesquelles des frontières infinies
Les oints avides de pouls cordis dans vos
géographies.

Mariana

Mariana, dos Geraes nascente Minas
Ruínas do engenho as pedras em cio
Tear-te em roca à meia-luz das sinas
Forjar manto de abrigo, em foz do rio

A desaguar-se sem cais a tez da noite
Que se assenhora sem amém oração
Galope a rumar, feroz coito do açoite
O desnorteio da ira fugaz profanação

Chão de Terra, grão do mito, criatura
A abrolhar em face da desumana lida
Invés da colheita, a atroz semeadura

Jaz o corpo desluzente alquimia infinda
A natureza da lua em sol da escritura
Flor do tempo, a ressurreição da vida.

Poema bruto (Brumadinho)

Abrumados escombros sobre os ombros fétidos
Da desfaçatez humana, a ira cega da lama-fera
Bestificada a aterrar-se entre agônicas
quimeras
Sob destroços da argila pútrida horrores
tétricos

Da cobiça atroz o alvitre da majestosa
insensatez
A extinguir os pétreos desígnios de
sobrevivência
Afrontada por ensejos de acéfalas
reminiscências
Súditas, a vã cupidez absurda o coito da
invalidez

Abarrancada sobre a indolente tez do
excremento
As amálgamas do aniquilamento em decúbito
fetal
Que escorrem por entre umbilical
desmoronamento

Em bojo de sofreguidão de cujo desnorteio
abissal
Transcende-se pueril represa para além-
cabimento
Encruzilhada a agonizar-se vida em labirinto
terreal.

Mapa das almas

Eram os quatrocentos negros mais não sei
tantos quantos
Outros caburés taiocas caboclos pardos uns
homens brancos
A margear-se por mapas do espírito dos
mamelucos baios
E outros caburés carafuzos maios co'os seus
rudes balaíos

Feito procissão das gentes pretas carijós
curibocas amarelas
Ao aboiar longínquos sertões por matizes
étnicos aquarelas
Desembainhavam punhal d' aço por carne-viva,
frio-sangue
Por peleja d'almas a se embrenhar por estes
brasis mangues

Movediços que se moldam por mãos de barro
em terra-lida
A espraiar-se por territórios vão desta vil terra
desprometida
Matéria-prima cordial natureza-mãe pátria Ilha
de Vera Cruz
Porvir da miscigenação a emanar-se por
intento que me seduz

Como se a tal eucaristia das raças espúrias
aflorasse em guizos
Ao germinar dos chãos parvos rebentos deste
Terreal Paraíso
Co'a mística dum povo mestiço que s'aliberta
da senzal' açoite
Ao redor de quatrocentos negros sete mil
elementos da noite

Caboclos capirangas caburés sararás carafuz
taiocas curibocas
A inscrever-se por malsã-atroz realeza das
coroações eunucas
Sob benção múltipla que se funde à indígena
civilização tupã
Qual aço-ferro dos cobres por sobre édens dos
trópicos a maçã

Sob véu das estrelas azuis do firmamento
forjadas em redenção
Duma pátria pau-brasil que desemboca em
geográfica imensidão
Ao sul do Equador ignotas paragens alumiadas
por deus humano
A propagar-se por retintas íris-ritos deste
Terraie Brasilis profano.

Cantiga de além-cais

Se até nós que nos atravessamos por décadas
entre luars e os sóis
Sem sequer darmos conta da tempestade que
precede o dito pelo não dito
Ao rugir-se por sobre vultos e margens que se
abeiram ao longe e a sóis
Até mirarmo-nos por alvoradas a fincar-se pela
agonia dos vãos labirintos

Que em revoada há de se aportar ao vento por
sobre os profanos ritos
Do cordel das estrelas a ocultar-se sob os
acordes infindos dos arrebóis
Da noite enevoadada pelo choro dos acordeons
que alumia foz do infinito
Da tênue fronteira entre os silêncios e a
entoada cantiga de além-cais

Ao redor do redemoinho ponteia-se toada em
ventre de ventania algoz
Que abrolha do abismo de cada ser em si por
intento do alucinante grito
Que quiçá há de ancorar-se em comunhão que
encandeia humanos nós
Desenlaçados por mãos mímicas que apalpam
manhãs tempo transcrito.

Canto de algum lugar de mim

Qualquer canto eu canto em qualquer lugar
Mas só canto quando Deus me assoviar a
melodia,
Que se acaso não seja minha ou de um Deus
De algum canto ou lugar
Que nem sempre me alicia a ser Deus por
fantasia
Para eu poder cantar em agonia

Eis-me aqui em cantoria,
Voz a se forjar em Deus,
Quando em mim se prenuncia
Da costela, do barro
Do homem – Eu.

Qualquer canto eu canto em qualquer lugar
Mas só canto quando Deus, enfim, me
assoprar
O silêncio que, quiçá, seja a divina sinfonia
Em seu canto de algum lugar de mim
Que nem sempre me alumia a ser Deus por
alegoria
Para eu poder cantar em aleivosia

Eis-me aqui em cantoria,
Voz que se assemelha a Deus,
Quando em si se silencia
Da costela, do barro
Do homem – Eu.

Miranda

Quando mirei-me em teus olhos
E a saudade de um tempo
Que não vivemos dissipou-se em nós
Foi como se te desvendasses sem medo
Como se me perguntasses:
Quem és?
Como se te confessasses a sós
Sou o que não se decifra em retinas
Força de um arrebol sobre a noite
Que se descortina em silêncio de segredo
Como se te desnudasses em espelho
Da madrugada sem luar nem estrelas
Sem mistérios
Por todas as dores de um pranto
Por todas as horas de um instante
De ter-te às mãos sem desespero
De perder-te pela estrada afora de mim
Como se então tu me dispusesses
A amar, enfim.

Arrecife dos Navieiros

Eis os manuscritos apócrifos d'assenzala para o
além-mar do Foral de Olinda

Do que se houvera pelos chãos de pedra
ancoradouro Arrecifes dos Navieiros

Dos embarcadigos em cais de saudade onde
ancoravam naus-caravelas infindas

De pau-brasil fumo-d'angola, dos lotes d'ouro,
das mercancias, dos marinheiros

Às margens canavieiras dos antigos engenhos
que roçam as navegadoras aguarias

Do Capibaribe n'onde aportara o fadário negro
do escravo de nomeada Damião

Que púrpura encantação de pele pela sinhá-
branca Violante de Góes da Capitania

De Pernambuco, consorte do fidalgo D. Fernão
de Góes de Itamaracá, o Barão

Atraído pelas rudes mãos do destino
quando a esposa Violante e o reles amante

O escravo de ganho Damião de ofício-estivador
que aportara em vil desembarcação

Que às cegas amarras s'embrenharam por
porões labirínticos do coração navegante

Ah quem diria que torpe aleivosia do escravo
maledicente de fato adviria da paixão

Em pelourinho d'engenho aferrou-se o negro
Damião por cruéis correntes e açoites

Pela castigação d'assangrar couraça do cativo
ladino em madeiro de humilhação atroz

Por desagravo da injúria de famí'a gorjeio do
vergáio que rugia sobre silêncio da noite

Que invadia casa-grande onde Dona Violante
Góes fora trancafiada feito bicho feroz

Não obstante, apertencesse ao escravagista D.
Fernão de Góes, o Barão de Itamaracá

Que co' o todo fervor não aperdoou ultraje do
preto desabusado que fez abrolhar rebento

Abastardado em ventre proibido da sinhá-
branca d'Engenho Bom-Amparo do Jequitibá

Salvo engano, querubim fora ajogado à
moenda de cana-de-açúcar por mando
contento

Do senhor de terras em desonra insultado por
obsceno gesto bárbaro do preto-chinfrim

Que ordenou que s'arretalhasse carne-viva do
finório co' as mil sangrentas chicotadas

Qual naváia de fio d'aço afiado a destroçar os
pecados desmaiados sobre terra-carmim

A pagar co' vida pela safardança desfeita d'raça
contra Siá Violante de Góes violentada

Defronte d'assenzala d'Engenho Bom-Amparo
do Jequitibá corpo negro inerte-mutilado

Por chicoteio do Feitor Florenço como
s'estalasse preto qual coice-cego cruel
vingança

Por ter feito mal a Dona-Siá Violante de Góes
negro de ganho Damião for' é massacrado

Como afaz co'fruto da cana-doce a s'esmagar
pr'azafamar lida em bem-vinda chegada

Aporém, diz que d'aviltamento d'escravo
Damião a denegrir bastardia de defeito de cor

A que Dona Violante de Góes dera luz ao
coibido fruto por nascituro de má-sina e sorte

Depós d'avinhorada ceia advém preto-
manquejo co' o punhal em manejo a se
sobrepor

O vulto mal'assombrado do negro Damião
Barão D. Fernão de Góes alvejado de morte.

Do tratado sobre a plenitude das coisas

Artigo I:

Todo filho da puta deverá ser tratado como tal,
Sem perdão ou misericórdia.

Artigo II:

Toda mulher, sobretudo por ter fabricado a vida,
Deve de ser cuidada para tê-la plenamente
Sob quaisquer circunstâncias;

Artigo III:

Toda estupidez sem tamanho há de ser
amainada
Por um gesto de amor, desde que a injúria ou
o ultraje
Não se abeire da ofensa moral ou de honra.

Artigo IV:

Toda ingratidão deve ser repudiada dentro de
si,
Por advir de um sentimento de menosprezo
Pelo benéfico intento do próximo;

Artigo V:

Toda raiva deve ser contida em sua nascente,
Porque dela há de abrolhar a vontade de
vingança,
Que há de ser a ação humana mais
repugnantemente evitada;

Artigo VI:

Toda avareza ou mesquinhez deve ser
retribuída com uma porção

De generosidade (ou solidariedade), por se sobrepor ao ato de egoísmo enfaticamente sem trégua;

Artigo VII:

Toda lucidez deve ser temperada por uma réstia de porção de loucura,
A fim de que a razão não se sobreponha absoluta às quaisquer decisões de vida.

Artigo VIII:

Toda mágoa causada deve ser motivo para um rogo de desculpa
Ao próximo atingido por um gesto de indelicadeza ou simples palavra que o seja;

Artigo IX:

Toda arrogância deverá ser mutilada em raiz,
De vez que não há de se engendrar por sobre a humildade de
Pensamento e ação humanos.

Artigo X:

Todo cuidado de amor será bem-vindo em quaisquer circunstâncias,
Mesmo em ausência do ser idolatrado por reminiscências
Em forma de saudade plástica.

Foz de mar

No hemisfério norte do teu corpo
Eu ancorei-me sem embarcação
Sob as marés altas por cartografias
Que se forjam por si em foz de mar
Fiz de ti porto, cais do coração

Os teus pés em água firme roçam
As bússolas das manhãs de sal em sol
Às margens das mãos postas ao leme
De nós mesmos ao redor das estrelas
Qual aurora que por se porfia arrebol

De modo a se fincar por entre oceanos
Por sobre as azuis retinas das marés
Que se achegam por naus caravelas
Das rotas marítimas que se acegam
Noite adentro o horizonte ao convés.

Almaria

A epiderme da alma por sobre a carne nua
Ao escorrer-se do sangue pelas veias cruas
De modo a apalpar-me corpóreo labirinto
Que subjuga pele alva a encarnar-se espírito

Em comunhão ao redor do humano intento
Qual s'abrigasse lida o tempo em amplitude
A sublimar-se engenho de todo encantamento
Que assemelha ao vão intento da
incompletude

Almaria, ó luz implícita, ó implícita luz!...
Da invocatória em divina encantação
Ao fado que a noite negra profana seduz
Pelo insigne objeto-ato de sublimação.

Ilha de Paquetá

Em cada morada o senhorio anônimo a
resguardar
Com as suas sete chaves todos mistérios do
lugar
Sob fúlgidas cicatrizes vãs do tempo
imponderado
Que se originam dos segredos inauditos
abrigados

Nas fachadas ao acolher-me a paisagem
abstrata
Vago-lume algures das cravelhas retintas de
prata
Por que tu que te foste para tão longe das
retinas
Das embarcações bússolas âncoras convés
sinas

Quando impregnas de pedra-luar e sol-ferro o
cais
Das almas súditas apócrifas que coabitam
abissais
Dos ventres em que se coabitam vultos do
passado
Que captura a inerte indolência da rede e do
cajado

De renda-madeiro o arco-íris a Baía de
Guanabara
Insólito mirante fundido à flor da pele morena
clara
Ao ritmo da vagareza da manhã cega nua
púrpura
Que se sobrepõe ao ensejo de abrolhar-se
gravura

Mítica da arquitetura o silêncio do baobá
centenário
A embrenhar-se por ruelas de chão cátedra-
cenário
No qual se descortina por jequitibás o poema-
sabiá
Intrépido a decantar os fascínios da Ilha de
Paquetá

Deslamento

Se tu quiseses dar-me as mãos não digas nada
Apenas estendas os teus olhos sobre a estrada
Que me vou contigo aonde fores, ó meu amor
Cada estrela enamorada há de se abrir em flor

Se acaso não quiseses me seguir de mãos
dadas
Não te peço um gesto de saudade desesperada
Já que a luz da cavalgada se faz sem
esplendor
Ah, o tempo traiçoeiro há de afagar a minha
dor

Haverei de prosseguir em companhia do
desamor
E eu que seguirei, no entanto, pelas
madrugadas
Até que alguém me queira para ir aonde eu
for...

E quando houver tristezas em íntima
caminhada
Eu a sós com a tua esplêndida imagem em
fulgor
Decerto olvidarei da saudade em mãos
apousada.

Calabouço

Na fronteira entre o real e o delírio,
O Poeta foi detido por portar 7 kg de fantasia
Genuína e pura em sua algibeira de andarilho.
Como as autoridades não sabiam o que fazer
Com aquela substância mágica e alucinógena,
Que não se identificava por etiqueta ou selo,
Encarceraram-no em calabouço de uma ilha
longínqua e bela.

De sorte que não houvesse qualquer ensejo
De fuga, permitiram que de sua costela
Brotasse uma espécie de Eva reinventada.
Não que aquele lugar fosse o paraíso terreal;
Ao contrário, o calabouço era sórdido e sujo.
Em verdade era uma estratégia de tortura
Para que se sentisse ainda mais aprisionado
Paradoxalmente diante da exuberância da ilha
deserta.

Não obstante, o tempo - implacável escultor
Humano -, foi emoldurando o cenário idílico,
De modo a possibilitar-lhe a escritura,
Como se possível fosse intentar a criação
Sem a fantasia enviada para um laboratório
De análise metafísica,

A fim de que um afamado sábio estrangeiro
Diagnosticasse o teor tóxico daquele produto
Entorpecente e ilícito.

Apesar das múltiplas experiências de pesquisa
Para incriminá-lo, constatou-se que aquela
fórmula

Quimérica era mais que propícia, pois que
primordial,

Ao consumo da humanidade.

Enfim, comercializou-se a fantasia
Entre os povos em frasco de ilusão.
E aquele vilarejo interplanetário,
Que era triste e casmurro, transformou-se
A ponto do Supremo Tribunal do Universo
Decretar a liberdade condicional da poesia.

Tu

Bebeste-me as atrozes sedes de homem vil
Sangraste-me força-bruta das bem-querências
ofendidas
Fincaste-me em peito tuas nuas cobiças de
covil
Forjaste-me, deveras, toda aquela dor mais
fingida

Tu

Mutilaste-me membros pujantes co'os dentes
Assombraste-me co'os teus vultos mórbidos
d'alma
Arrancaste-me as cicatrizes funéreas
pungentes
Embarcaste-me em cais de sangue em noite
alva

Tu

Desprezaste-me co'a navalha cega mais ferina
Embrenhaste-me por brenhas cruas dos teus
prantos
Tolheste-me traiçoeiras margens movediças
das sinas
Ninaste-me co'os dóceis obscenos negros
acalantos

Tu

Maculaste-me co'o poros-pus das tuas veias
profanas
Ergueste-me por sobre escombros dos corpos
ruínas
Adentraste-me co'as tuas tantas libertárias
almas ciganas
Embriagaste-me co'as tuas sórdidas injúrias
insígnias

Tu

Perdeste-me por teus mil incertos labirintos
coibidos

Abrigaste-me em parvas proibidas alcovas
caetanas
Mutilaste-me por abjetos desenganos oculto-
omitidos
Trafegaste-me por ritos cegos das tuas rotas
insanas

Tu

Mutilaste-me co'os afãs estúpidos-tétricos das
torturas
Inibiste-me co'as tuas torpes-indecenas
insônias
Encobriste-me co'as tuas parcas difamadas
molduras
Aportaste-me por entre as marés morenas
begônias

Tu

Sublinhaste-me co'as linhas indivisíveis dos
hemisférios
Amaste-me co'a desfaçatez das meras
inocências perdidas
Ludibriaste-me co'a fúria malsã-viciada dos
despautérios
Feriste-me ferro-fogo co'os laivos das vivas-
carnes feridas

Tu...

Mãe

Dá-me a dor do parto de mim
Tu que me quiseras são
Perdoa-me pelo que não te fiz
Por não ter como supor
Que foste o que eu não pudera
Me tornar o que de dentro de ti
Não coube a mim decifrar
O que eu não quisera ser
Ao abrolhar dos brotos teus
Que se enraizaram por dentro
Do ser que aflora a sós
Por não haver o Verbo que principia
O amor maior do que Deus
Que se aventra ao que der ou vier
De tuas mãos a adivinhar-me
Sina e silêncios de mim
Sobre o que não adviria a escorrer
Entre poros da proibida maçã
Por sobre a palma da terra
Que se alastra pela consagração
De tua imagem a entroncar-se
Pétala a apalpar a flor
De toda sementeação.

Memorial das águas

Quando o mar encosta na areia da praia
Ao pôr do sol, que esbarra no cais do porto
E a barra da saia da noite roça os seios nus
De Iemanjá –
Véspera de alvorada, qual o revoar da viola
Que fabrica fio a fio
No ventre da madrugada
A toada por vir.

Eis o memorial das águas – o milagre das
redes
Abarrotadas de luz – o vinho, o pão, o peixe,
A morada de barro e pedra em que assiste
A tua voz.

Quando a terra se esvai para longe da
memória,
Aproximas a vela da embarcação ao vento
Que rastreia a saudade de espera
Ao aportar nos braços negros
De Janaína –
Qual âncora tatuagem que se espraia
Em teu olhar que semeia
A cantiga por si.

Eis o memorial das águas – a imagem da vida
Esboçada na canção – a jangada, o mar, a
ceia,
A aldeia de chão de estrelas em que assiste
A tua luz.

Doce tristeza

Nada faças nada que te entristeças
E não te olvides de que o dia
Há de ser bom
Dê-me um abraço, sente-se à mesa,
Inda há tempo, beba o seu café
Eu sei que há de calar-se em nós
Essa doce tristeza
Eu queria apenas confessar-te
Ao pé do ouvido em silêncio um segredo
Com sua licença,
Me deixa pegar em tuas mãos
Até perder-me cego pelos labirintos
Dessas nossas coisas
Sente-se, já é hora do jantar
Boa noite, pois é
Amanhã com certeza há de haver
Outras manhãs
A colher-nos força e correnteza
Arrastar-se por cada qual ou ser em si
Toca as minhas mãos
Ainda haverá tempo de se calar
Essa agonia atroz
Que soa por dentro, voz a esmo a se
embrenhar
Nos nós de nós mesmos
A dois, a sós.

Pergaminho

Enfim, sem dizer-me adeus
Foste embora do meu violão
Onde residias por inspiração
De cada samba que escorria
Dos dedos das minhas mãos
Restou-me a flor da nostalgia
Em vil companhia da solidão
De quem, por soberba ironia,
Das frouxas cordas do pinho,
Fez os acordes do coração
Dos desenganos da fantasia
Em pergaminho de desilusão.

Calabouço

Na fronteira entre o real e o delírio,
O Poeta foi detido por portar 7 kg de fantasia
Genuína e pura em sua algibeira de andarilho.
Como as autoridades não sabiam o que fazer
Com aquela substância mágica e alucinógena,
Que não se identificava por etiqueta ou selo,
Encarceraram-no em calabouço de uma ilha
Longínqua e bela.

De sorte que não houvesse qualquer ensejo
De fuga, permitiram que de sua costela
Brotasse uma espécie de Eva reinventada.
Não que aquele lugar fosse o paraíso terreal;
Ao contrário, o calabouço era sórdido e sujo.
Em verdade era uma estratégia de tortura
Para que se sentisse ainda mais aprisionado
Paradoxalmente diante da exuberância
Da ilha deserta.

Não obstante, o tempo - implacável escultor
Humano -, foi emoldurando o cenário idílico,
De modo a possibilitar-lhe a escritura,
Como se possível fosse intentar a criação
Sem a fantasia enviada para um laboratório
De análise metafísica,

A fim de que um afamado sábio estrangeiro
Diagnosticasse o teor tóxico daquele produto
Entorpecente e ilícito.

Apesar das múltiplas experiências de pesquisa
Para incriminá-lo, constatou-se que aquela
fórmula

Quimérica era mais que propícia, pois que
primordial,

Ao consumo da humanidade.
Enfim, comercializou-se a fantasia
Entre os povos em frasco de ilusão.
E aquele vilarejo interplanetário,
Que era triste e casmurro, transformou-se
A ponto do Supremo Tribunal do Universo
Decretar a liberdade condicional da poesia.

À Maria Bethânia

Quando as águas do mar cobriram os pés
descalços
Da moça de branco nas areias da praia de
Amaralina
Mãe Iemanjá foi quem pôs pra quarar seu
manto azul
Sobre a noite alva que encandeava alvorada
morena

Como que por encanto pela elegia sacrária dos
orixás
Da Bahia de Todos os Santos raiava a profana
oração
Ao irrigar-se do canto caboclo daquela estrela
cadente
De tão clara presença que irradiava em manhã
de sol

Da entidade de tranças que se instaurou no
horizonte
Era o fulgor de um tempo infindo de divina
fascinação
Para aclamar a rainha do mar com todos os
acalantos
Nasceram em firmamento as sete cores dum
arco-íris

Pelo gorjeio lúbrico de um sabiá-laranjeira de
terreiro
Pousando-se à mão guerreira do São Jorge de
Ogum
Pra festejar nascituro da criança mais bela e
altaneira
Com a flecha de São Sebastião cravada em

seu peito

A alumiar-se qual Oxum de Santo Amaro da
Purificação
Ao redor de um gorjeio pássaro que irrompe os
cânticos
De todo esplendor d'estrela-guia que a nós se
prenuncia
Pois és tu Maria pela santíssima trindade da
celebração.

Desencantamento

Foi-se de mim pela poeira das horas
Do incêndio que, por dentro de nós,
Fez-se a desilusão que ora se arvora
Como se dum rio se desobrigasse foz

Do desencantamento que se aflora
Das saudades apinhadas pelos ais
Quando sem mim tu foste embora
Como quem se achega ao convés

D'alma perdida que aporta em cais
Ao trazeres intento do vento lá fora
Que estilhaça estrelas aos teus pés
Como a alvorada que se assenhora

Qual fosse luar ao fim duma estrada
Que se alumia do princípio da aurora
Como se o revés do tempo d'outrora
Solidão ao redor de mim fez morada.

Dom de mim

Dom de mim
É fincar-me aos pés dos teus mastros
Ajoelhar-me diante dos teus vultos nus
Ao estender-me por relva das estrelas
Em chão azul dos olhos pardos teus
Constelação para emoldurar-me em ti

Dom de mim
É embrenhar-me pela tua alma à mesa
Perder-me por entre rastros correntezas
A amoldar-se a fúria dos cios em calmaria
Que debulha a vela fio por fio no cerne
Do afã da delicadeza ao tempo que se incide.

Dessolidão

Amei-te tanto
Que sonhei fazer contigo
Uma civilização
Dê-me teu corpo como abrigo
Para seguirmos juntos nessa cavalgada
Até o infinito de mãos dadas
Ah, como foi bonito o alvorecer
Do amor em nós
Qual foz de um rio perdido
Que deságua em mar
Ai, meu amor, vem comigo
Até aonde pudermos nos alcançar
Sem mágoa, sem perdão
Em revés de adeus
E que os olhos teus me guardem eternamente
Qual semente a brotar pelo chão da gente
Em comunhão dos degredos
Como réstia de segredo
Que me sangra em silêncio
Até dar em dessolidão.

Alma proibida

Ah, quem me dera a colheita
Nesse chão de terra de mim
Donde se abriga por confins
Alma ao luar que me espreita

Qual flor proibida dos jardins
A desabrochar-se imperfeita
Pólen-luz, quando se enfeita
Ao poente do tempo sem fim

A essência em que se afeita
Às margens do porvir
Olor-pétala em que se deleita
Ao afeto de cada qual em si.

À Marielle Franco

Quando apalpei os rastros da manhã
Sem o teu corpo negro ao meu redor
Qual última a estrela-guia nua e pagã
Fincou-se entre alvorada e pôr do sol

Como emoldurasse sina ao firmamento
Em tropel grão de quimeras dó bemol
Era orvalho por afã de sede ao tempo
Os vultos teus em disfarces de arrebol

Por nós dois a sós, a sós o entre-luar
D'alma que aporta em desembarcação
Cais-portento que se alastra além-mar
Pelas marés que abarcam dessolidão.

Cartografia

A cartografia se percorre por inabitadas e
longínquas geografias
Que demarcam área limítrofe entre grotas dos
ribeirões infindos
Para o além-lugar das impalpáveis paragens
físicas das sesmarias
E os sertões à beira-mar das longitudes e
Tordesilhas ao absinto

Das minhas alucinações terráqueas a
desabrigar pelos lunáticos
Sítio povoado por trincheiras ilusórias e
quiméricas da imensidão
De cada espaço ínfimo de chão entranhado
pelos lençóis freáticos
D'alma d'onde abrolham as estrelas mímicas
daquela constelação

Pousada em mãos poéticas que se despetalam
ao relento do rocío
Que roça a amplitude da noite ao desobrigar-
se do intento mítico
Da cópula sísmica entre azul firmamento e a
afogueada flor do cio

Que se faz abrolhar do encantamento fúlgido
da paixão arroxçada
A sangrar-se hemorragicamente por sobre o
absorto silêncio rítmico
Das entranhas da terra onde o poeta nascera e
há de fazer morada.

Tango negro

Convido-te, ó dama de orvalho dos cabarés,
Para acobertar-me com teus corpos silentes
Ao tango a bailar pelos salões de onde tu és
Sob luz de velas a embriagar-te estrela
cadente

Lavar-te alma alva à beira do abismo abissal
Até quando te escorreres pelas veias trôpegas
E cálidas sobre o teu leito cruel de fêmea fatal
Pálida, vã, crua sobre ti as tuas noites sôfregas

Ó dama dos alcoices, afaga-me com falso
brilhante
Que tu ofertas aos teus parvos amantes
menestréis
Peço a ti que me concedas a contradança
ofegante
Em tuas vis alcovas proibidas dos insanos
bordéis

Quando tu conclamas aos Céus o que de ti
aflora
Ao cavalgar-te o tempo às asas dum negro
corcel
Eu rogo por tê-la nos braços ao romper da
aurora
Sob o luar de prata ao redor das estrelas em
tropol

Em aposentos sussurros que abrigam em
companhia
Teu corpo hirto de cortesã em insuspeitas dos
ciúmes
Até fazer-te de mim cais humano por ternas
aleivosias
A seduzir-me alma pagã com teus demoníacos
lumes.

Pele fêmea

Pele fêmea, tez da lua
Que se insinua
Nos lábios da noite
Por curso das estrelas
Neblinas, mapa das sinas
A ocultar-se em nós
Força cristalina
A fiar-se por cegas retinas
Por tear querências sãs
A descerrar cortinas
Das alcovas dos corpos nus
A fagam-se em afã
Dos seios d'água
Por silêncios, segredos,
Vozes, teias, poros
Duelo de Apolo
Em solo de flautim
A forjar tua pele fêmea
Em mim.

Descanto

Quando eu forjar meu canto abismado em
desafio
Fio por fio a tecerem-se silêncios que trago
comigo
Ao revelar-me, gota a gota, o sangue em
desabrigo
Por avultar-se ao que sobeja entre a vela e o
pavio

Que se ascende ao inaudito para que me
queiras
Qual réstia do que se desvenda feito um delírio
Timbre por timbre ocultar segredo em desvario
P'ra dizer-te que o rito que sobre nós se abeira

Qual rastro do que ao encobrir-me se
embrenha
Pelo que me transborda por veias a desnudar-
me
Do que me vejas a sós corpo a corpo a tatuar-
me

Como se a fogueira despetalasse lenha por
lenha
Quando se por entre cinzas, enfim, semeares-
me
Até perpetuar-se entre nós o que de Deus o
tenhas.

Simulacro

Quando eu entoar o meu canto fraco,
Em simulacro por rito de celebração
Cantoria a arrimar-se em desoração,
Hóstia – pão e ceia em templo opaco
Voz atroz que se alteia em redenção
Das mãos a (des)sangrar instrumento
Que s'assemelha a u'a reza forte oração
A dedilhar-se o violão por súdito silêncio
Qual morte que abrolha por abreviação
Da contemplação do divino humano
Ao arvorar-se em vil ínfima criação
Do implícito a afigurar em desacato
Que se afina o ato súbito subscrito
De destemer-se aos acordes míticos
Dos verbos proibidos por abreviação
Do inaudito em tácito rumor do luto
Em desenganação o dito por não dito
Em púlpito singular ofício da poesia
Que por si humaniza-se em celebração.

Terra do chão de minh'alma

Do sol a despencar-se em aurora
Como a alvorada que se amoite
Olvidar-me do tempo de outrora
De modo que o luar não se afoite

Com vulto-mor que se assenhora
Qual germinal que o vento acoite
Feito intento-grão do que se aflora
A apalpar-me enfim como se açoite

Pelas terras do chão de minh'alma
Ao sangrar-me por mãos em coice
Como quando saudade se ancora
No limiar do cais-tempo que foi-se

Em busca do provento das horas
Quando desafiam o aço da foice
Abarcar ao que em mim s'apenhora
O corpo em movimento de alcoice

Por águas turvas dos nós dois afora
Ao ceifar-me a fria solidão da noite
Por olvidar-me do rito vão d'outrora
Feito nau que dentro de mim apoite.

Flor de casulo

Flor de casulo, afeto sem rima,
Por sombras de outrora,
Desabrochas em surdina.

Flor de casulo, hóstia ferina,
Desembaraças-te do teu novelo
Dentre a luz e a retina,
Quando te desequilibras em segredo
Qual fugaz bailarina.

Flor de casulo, querência em ruína,
Por timbres de mistério,
Desentrevas repentina.

Flor de casulo, etérea mina,
Descortina-te por teu desvelo
Dentre a foz e a sina,
Quando desentranhas em degredo
Qual luz divina.

Carta da terra

Ei'os manuscritos apócrifos da Carta da Terra
Nos alforjes longínquos do mensageiro tempo
Co'assinatura da mi'a missiva cunhada ao
vento
A galopar-se por sobre planícies, vales e serras

Pergaminho co'a armadura de pele de ovelha
Envolto cordão emaranhado das tuas melenas
Em ritos do memorial das raças em centelha
A abrolhar-se branco negro epiderme vermelha

Da força oculta a emanar-se humana natureza
Que se intenta por entre as divindades
profanas
Cerimoniais andejantes das cegas mãos
ciganas
Ao apalpar mapa-múndi fronteiras correntezas

As raízes terrae brasilis amazônicos
hemisférios
Que se entranham por entre mítica
ancestralidade
Da cinza corpórea uníssonos brado de liberdade
Da alma a se auscultar pelo indecifrável
mistério

Divino da evolução do homem marcado por
etnias
Que se alastram sobre relva mítica do espírito
santo
Em prece mímica gesto por silêncios os
quebrantos
Por matizes aquarela espírito multicolor em
alforria

Das mãos a apalpar o fruto proibido do paraíso
terreal
Co'ó sumo que escorre pelo seio virgem da
indígena nua
Que há de amamentar a cria concebida no
ventre da lua
A alumiar oca tapera morada de pau pedra
palha quintal

Que se espraiam pelos rios córregos veias
mares territórios
Das raças híbridas o sal da terra sob o fogo do
sol ao chão
De pedra dos horizontes quimeras das estrelas
em coroação
Reinol co'ó azul manto da Nossa Senhora
negra em oratório.

Essas formulações frásicas
Tão mesquinhas quanto necessárias
Com o grau de seriedade da mais bela de
todas as táticas
Criadas para compreender decisões e
mudanças no jogo.

Sonho do grão

Eh, eh, lavrar as mãos em riacho do tempo
Que removem o vento por moinhos d'água
A fazer-se da terra caiada o sonho do grão
Que abrolha do bico de Passarim ao relento

Da semente a fulô que não se finda ao sol
Quando pousou por encantarias as araras
Azuis do firmamento no bojo dum arrebol
Dentro da amarela borboleta oco de cigarra

Por detrás da chuva que aquarela o milharal
Do néctar da rosa cor de rosa tosco carmim
Arroio das quimeras que recorta a serra o vau
Quando guardo comigo correntezas em mim.

Cais de solidão

Logo eu que não quis lhe dizer por dizer do
nosso amor
Que pra mim seja o que for se for amor tem
de ter sofreguidão
Mas peço que me deixe em paz quem capaz de
sofrer não for
Com a minha dor de coração, só não me faça
desfeita, não

Pois que esse pobre trovador que perdeu o seu
grande amor
Na roda da vida que redemoinhou pelos quatro
ventos ao mar
Do sentimento que a tempestade mais para
longe acarregou
Por favor, mira o cais da solidão porque amor
hás de encontrar

Quem vosmincê deixou p'ra trás como quem
se faz embarcação
Que se aporta em mãos do tempo ao desamor
que aflora estrada
Afora que aporta em desespero o afã pelos
meandros da desilusão
Ao abrolhar pelos labirintos d'alma donde
saudade fez morada.

Cais do alvorecer

Foi quando eu aportei-me em teus braços
Qual a noite em seu berço desadormecida
Por entre estrelas infindas ao firmamento
Como se a alvorada se travestisse de noite

A desposar o luar de prata violão a bocejar
Em serenata cais do alvorecer em meus ais
E arrebol a desafinar o gorjeio da passarada
Que enfim se descortina azulejando a manhã

Em mãos o astro-rei aparvalhado pela ilusão
Do abrolhar da aurora noturna no horizonte
Como houvesse sido desvirginada pelo tempo

Nupcial co'ó terno branco de linho impecável
Em ritmo vagaroso orquestrado pela maestrina
Vida, amplitude mínima da existência a findar-
se.

Dom Quixote das montanhas

Eu, poeta andarilho das montanhas,
Navegante ilhéu deste planeta Terra,
Peço-vos que se, acaso, me acometa
Um bem-súbito em vossas presenças,

Acudi-me, ó ilustres damas e cavalheiros,
Neste êxtase delirante, eu, cavaleiro errante,
Sem sela de montaria, galopando em poesia
Hei de adentrar-me por latifúndios imaginários

Co'ó meu alazão libertário, um escudo, u'a
espada
E um berrante que se agoniza em pranto cego
Eu, poeta maltrapilho co'as alpercatas da lida
Sem eira ou estribeira à beira da estrada

Cantador de voz acanhada sem ouvidoria
alheia
Portador de instrumento de água fogo-sol terra
Que em vosso seio faz morada o tempo da
quimera
Co'ó telhado de fantasia e barro da imaginação

Que se talha co'ó formão de devaneios em
mãos
Para se fazer do 'quem me dera' o artesanão
ofício
Co'as palavras moldar profissão desde sina
nascitura
Aos sete palmos do chão onde hei de forjar
assinatura:

Aqui jaz um poeta, que Deus assim o quisera.

Concerto para violão em saudade

Ah, ah, meu amor, que a saudade que corrói
O meu peito é como se fosse o sopro de dor
Trespasado feito afã do desejo que não se foi
De ter-te em meus braços feito aquela bela flor

Que se despetalou ao relento em silêncio atroz
Tu que me juraste amor, o eterno amor,
mentes
Quando me fraudaste coração dilacerado por
nós
Desatados co' punhal que afiaste entre os
dentes

Em perjúrio foste o mal entre pérolas da
desilusão
A arrastar-se por sobre nós qual fosses tu a
serpente
Que entrementes s'abriga em chão-azinhagas
da solidão
De modo a s'alastrar por si pelo tempo
perdidamente.

Arlequim negro

A brisa da madrugada se fantasiou de fada
Pra brincar o Carnaval e a tal da Colombina
Perdeu a parada do Pierrô p'ra rival enluarada
Toda vestida de estrelas a tal encantada foliã
E a batucada sob regência da vara de condão
Se fez imortalizada pelos acordes dum violão
Do negro Arlequim que cantarolava assim,
Em coro com as velhas pastoras do cordão
P'ra Colombina desolada na mesa do
botequim:

– Vem pr'ó rancho sambar até se findar
regozijo da folia,
Ó minha porta-bandeira, vem comigo brincar o
Carnaval
E o Arlequim negro foi-se com ela até o
romper da alvorada
No barraco de zinco para que do convés da
madrugada
Assistisse ao espetáculo da vida do alto do
morro
De Mangueira, o raiar da aurora em arrebol
carmim
Diante da doce e bela Colombina adormecida
Depois da noite de amor com o negro
Arlequim.

Arlequim negro

Cabinda, Luanda, flor da Lua de Benguela
África, mãe preta, entre brasis – aquarela
Eia a negra cigana, rezadeira da terra,
A prece de responso, ventre-virado, caída
espinhela
Sob pinguela, canto das águas
De Iemanjá
Salve a Mãe D'água, o manto de arco-íris
Anjo da guarda dos esprítos
Macumba aboia oração
Que Deus proteja a Oxum-menina
Preto-velho da restinga
Encruzilhada do mato
De retro com a mandinga
Me acode com reza forte
Corpo fechado de caboclo do Norte
Bate tambor de couro de barriga
De gato, cachaça de moringa
No canto em que me escondo
É onde nem eu me acho
As sete pontas da rima
Afino com punhal de aço
Pai de santo benze a viola
Com cantiga de congado
O vigário abençoa o cavaco
Pastor, ouça o pandeiro e a cuíca
Que o samba seja louvado.

Testamento de bamba

Quando não estiver mais entre os vivos
Guardado em abrigo de jacarandá
Eis o manuscrito em roda de samba
O testamento de um bamba
Lavrado em terreiro ou botequim
Com a assinatura em pandeiro
Ah, quando eu me for...
Não quero choro ou despedida
Pros presentes, uma cachaça
Envelhecida em barril de carvalho,
Pros boêmios, o orvalho
Pras moças, uma flor
Pra malandragem, um verso sublime
Pros parceiros, uma inspiração
À Rosa, uma saudade
E o quadro do Heitor
Dias de hoje, tempos de outrora
Quando eu for embora me enterre
Com meu chapéu panamá,
Navalha no bolso do terno de linho,
Sapato de couro, cordão de ouro
Ah, quando eu me for...
Acenda uma vela pro anjo da guarda
São Pedro lá no céu que me aguarda
Com a Velha Guarda em seu esplendor.

Memorial do tempo

Do intento das mãos descortina-se
O deus Cronos em memorial prelúdio
Entre o rito e o interdito
Humano labirinto infindo abissal
Do mito em gestual
Sob a corda rítmica do grito
Absurdo fatídico
Que se apraz sobre a mesa em ceia
E o fio da vela acesa
Onde o corpo hirto jaz absorto
O súbito inaudito precipício
Beiral em desagonia
A rastrear-se por correntezas
De chão
O suplício da celebração
Entre a retina do sol e a epiderme
Da lua negra
Que margeia o germinal
Por sobre abismo da alucinação
Entre o advento do fado
E o gorjeio da arrebentação
Maré que sublima linha do horizonte
Em arabesco
Eis o tempo em memorial
Alvitre da humana imensidão
Da delicadeza em riste
Em aportada embarcação.

A Hermínio Bello de Carvalho

Quando enfim o dia raiar
Em aurora de além-nós
Sem armistícios ou fronteiras
Qual sol dentro da noite arrebóis
A tua imagem de serafim
Em disfarces de trovador
Por mistérios sobre os anelos
Das tuas melenas brancas
A desvendar-se por silêncios
Manhã d'estrelas em arrebol
Ao redor do relicário
De cada um de nós em si
Findar-se estrada d'alma
Ainda por se cumprir
Atalhos ou encruzilhadas
Fincadas por chãos das primas eras
As quimeras dos querubins
Revoada d'aquém-firmamento
A repousar-se por entre mãos cálidas
A rosa das tuas inocências céticas
Sobre a relva da desilusão
Em plácida aurora do vão intento
Do efêmero-etéreo da sublimação.

Toada branca

Eu hei de cantar-te, ó toada branca
Em beiral das águas as correntezas
Do pinho a pontear-se das tristezas
Luarejo dentro de mim se alevanta

Pejada de flor, Estrela Dalva caiada
Ao abrolhar de um violão cadente
Às margens alvas dum luar poente
Do vozeio em gorjeio de serenata

Qual uma teia as cordas prateadas
A alumiar a cantiga além-fogueira
Em ciranda das modas seresteiras
Que abrigam estrelas encandeadas.

Flor de mulher

Não sou flor que se cheira
Pétala por pétala de bem-me-quer
Sou flor de ribeira
Quer você queira ou não queira
Sou flor de mulher
Que abrolha do ventre do chão
Que nasce do cio da terra
Sou fruto proibido
Não vacile comigo
Que faço contigo o que bem quiser
Mas cuidado, seu moço,
Porque qualquer tropeço
Te viro do avesso
Pra fazer-te de gato e sapato
Sem limite ou apreço
No gozo do ato
Porque eu te mereço
Do fim ao começo
E a bem da verdade
Sem desacato
Eu sou flor do mato
À beira da ribanceira
Em que me equilíbrio
Feito alma-fêmea,
Gêmea em retrato.

Festim

Convicto qual um algoz
Aponto-lhe a arma
Mas a poesia
Não se rende a mim
Como se desconfiasse
Da munição de festim
Que trago comigo
Sem ameaça
À sua integridade física
– ou líquida,
Enfim.

Cio

Quantos homens te povoaram
Fazendo-te serva ou deusa
Na rude delicadeza de cada paixão
Quantas marcas trazes em teus ventres
catrizes, quão torpezas de um lírio
Máculas sangrentas do cio
Que em ti pousou
qual tatuagem pássaro
de asas negras
de canto em desvario
Por paisagens tão íntimas
da destreza
das mãos que te colhem
qual flor de quintal
Quantas quimeras perdeste
por labirintos de cada manhã
que brota de tua solidão
em chão que se rabisca o sol
Ah, se eu pudesse dizer-te
que és a primavera
de toda tristeza
que trago em segredo
Tu me dirias sincera
que não percebeste a dor
que escorre em silêncio
sem luz sem mistério
qual fosse um hemisfério
traço imaginário a nos emoldurar
por distâncias eternas
léguas humanas, que a febre
profana não tolhe nem sacia,
qual jejum de Luar.

Talvez seja tarde para se ler um poema

Talvez seja tarde para se ler um poema
Se a noite anda longe sem aguardar pelo luar
e as estrelas
Em firmamento-fátuo que se dissolvem
abruptas em pétalas escarlates
Incandescentemente.

Talvez seja tarde para se ler um poema
Quando o luar e as estrelas despencarem feito
aves cadentes abatidas
Pela roca mímica do tempo com espingardas
lúgubres em cortejo pétreo
Funestamente.

Talvez seja tarde para se ler um poema
Se os pássaros emudecem o descanto lírico ao
gorjear da aurora
Em silêncio tácito e absurdo sobre o que não
se cala por míticos abismos
Dissolutamente.

Talvez seja tarde para se ler um poema
Quando o silêncio se sobrepõe aos homens por
estúpida opressão justaposta
Ao grito mímico submergido pela lassidão ou
covardia que aprisiona
A alma por cárceres invisíveis e impalpáveis
Alucinadamente.

Talvez seja tarde para se ler um poema
Se a opressão se conjuga como se fosse hóstia
proibida ao discernimento
Por sobre túbio percurso de profanação do
rugido cego e alienado

Em gesto de sublimação mórbida e
(holo)cáustica
Impudicamente.

Talvez seja tarde para se ler um poema
Quando o Verbo se petrifica pela ignorância
fatídica sobreposta à mesa
Dos vermes esfomeados e pútridos da
república insana e súdita
Descaradamente.

Talvez seja tarde para se ler um poema
Se o aforismo naufraga mediante o dilúvio
cíclico da bestial insensatez
E do perjúrio ritmado e aplaudido pela plateia
atônita e obstupegata
Acovardadamente.

Talvez seja tarde para se ler um poema
Quando a estupidez se oficializa para além-
diálogo entre a voz premida e a ruidosa
Eloquência da iniquidade se adversa ao ímpeto
de rouca liberdade
Atavicamente.

Talvez seja tarde para se ler um poema
Se o colóquio promiscuiu-se em razão da
sordidez do açoite que estala
No picadeiro da consciência da plebe incógnita
e bestificada
Alienadamente.

Talvez seja tarde para se ler um poema
Quando o vocábulo se coaduna ao degredo
intelectual não havendo
Quem se submirja ao que se evapora feito
água em fogão à lenha humana
Etapafu(r)gidiamente.

ÍNDICE

Epígrafe.....	4
A Fernando Pessoa.....	5
Tristeza de palhaço.....	6
Trapézio da lida.....	9
A dona dos meus olhos.....	10
A Manoel de Barros.....	11
Cais da eternidade.....	12
Nhãnhã.....	13
A Zeca Afonso.....	14
Tordesilhas.....	15
Mariana.....	17
Poeta bruto (Brumadinho).....	18
Mapa das almas.....	19
Cantiga de além-cais.....	21
Canto de algum lugar de mim.....	22
Miranda.....	24
Arrecife dos Navieiros.....	25
Foz de mar.....	27
Almaria.....	28
Ilha de Paquetá.....	29
Deslamento.....	30
Calabouço.....	31
Tu.....	32
Mãe.....	34
Memorial das águas.....	35
Doce tristeza.....	36
Pergaminho.....	37
Calabouço.....	38
À Maria Bethânia.....	40
Desencantamento.....	41
Dom de mim.....	42
Dessolidão.....	43
Alma proibida.....	44
À Marielle Franco.....	45
Cartografia.....	46
Tango negro.....	48
Pele fêmea.....	49
Descanto.....	50
Simulacro.....	51
Terra do chão de minha'alma.....	52
Flor de casulo.....	53
Carta da terra.....	54
Sonho do grão.....	56

Cais de solidão.....	57
Cais do alvorecer.....	58
Dom Quixote das montanhas.....	59
Concerto para violão em saudade.....	60
Arlequim negro.....	61
Credo negro.....	62
Testamento de bamba.....	64
Memorial do tempo.....	66
A Hermínio Bello de Carvalho.....	67
Toada branca.....	68
Flor de mulher.....	69
Festim.....	70
Cio.....	71
Talvez seja tarde para se ler um poema.....	72

Colecção

digit@lmente

Título: **ESCREVINHATURAS**

Autor: **WANDER LOURENÇO**

A partir de 2022, a Colecção Digitalmente acolhe todas as edições para uma melhor experiência de leitura gratuita online.

Edição em Formato Digital: **Fevereiro de 2022**

© **Autor e Elefante Editores**
para esta edição digital

Contacto:
elefante@elefante-editores.net



Ideias e Paixões que vamos descobrindo
em cada livro e em cada palavra

www.elefante-editores.net

Editores de Poesia desde 1997